

TRABALHOS ORIGINAIS

SÔBRE 40 GÊNEROS DAS *ACANTHACEAE* BRASILEIRAS

por

CARLOS TOLEDO RIZZINI

Chefe da S.B.A.

Levando em consideração as recentes vicissitudes por que tem passado esta difícil família natural, resolvi publicar o que se acha assentado a respeito de 40 gêneros bem conhecidos, fazendo especial menção de 173 espécies.

Antes convém organizar, em chave artificial, os nossos gêneros, à qual seguem observações sôbre seu emprêgo; ilustrações de ornamentações da exina dos grãos de pólen em (20, 21, 40 e 45), de fatos morfológicos significativos em (45), onde são referidos a uma chave pouco diferente da presente. Depois, classificação dos polens atualizada.

1 —	Estames 5	<i>Pentstemonacanthus</i> Nees
	Não	2
2 —	Estames 4	3
	Não	26
3 —	Tôdas as anteras ditecas	11
	Não	4
4 —	Tôdas as anteras unitecas	8
	Não	5
5 —	As duas sépalas exteriores muito mais largas do que as interiores, uma daquelas profundamente bifida	<i>Lophostachys</i> Pohl
	Não	6
6 —	Corola não bilabiada	<i>Chamaeranthemum</i> Nees
	Não	7
7 —	Estigma indiviso	<i>Acanthura</i> Lindau
	Não (pólen com mínimos acúleos)	<i>Herpetacanthus</i> Nees
8 —	Anteras sésseis cu filêtes menores do que a metade das anteras	<i>Stenandrium</i> Nees
	Não	9

9 — Lobo anterior do estigma mais largo e enrolado; mais de 4 óvulos em todo o ovário	<i>Spirotigma</i> Nees
Não	10
10 — Brácteas menores do que os botões florais, frouxamente imbricadas; corola não bilabiada	<i>Geissomeria</i> Lindl.
Não	59
11 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas ...	12
Não	14
12 — Mais de 4 óvulos em todo o ovário	<i>Hygrophila</i> R. Br.
Não	13
13 — Anteras pilosas; plantas trepadeiras ...	<i>Thunbergia</i> L. f.
Não	42
14 — Até 4 óvulos em todo o ovário	15
Não	22
15 — As 2 sépalas exteriores muito mais largas do que as interiores, uma delas profundamente bifida	<i>Lophrostachys</i> Pohl
Não	16
16 — Cálice anular, muito pequeno, flor com duas grandes bractéolas	<i>Mendoncia</i> Vell.
Não	17
17 — Cálice até 4 lacínios	18
Não	19
18 — Corola com 4 segmentos	<i>Stachyacanthus</i> Nees
Não	<i>Ruellia</i> Lin.
19 — Sépalas iguais entre si	21
Não	20
20 — Corola até 8 mm de comprimento, branca, tipicamente bilabiada	<i>Lepidagathis</i> Willd.
Não	<i>Ruellia</i> Lin.
21 — Pólen alveolado	31
Não	27
22 — Tecas reniformes, glabras; cálice com lacínias muito desiguais	<i>Staurogyne</i> Wall.
Não	23
23 — Árvores. Estames exsertos, com as anteras pilosas	<i>Trichanthera</i> H. B. K.
Não	24
24 — Corola tipicamente bilabiada	25
Não	<i>Ruellia</i> Lin.
25 — Inflorescência em panícula terminal ...	<i>Lychniothysus</i> Lindau
Não	42

- 26 — As 2 sépalas exteriores, muito mais largas do que as interiores, uma delas profundamente bifida *Liberatia* Rizz.
Não 28
- 27 — Corola até 15 mm de comprimento *Hygrophila* R. Br.
Não *Dyschoriste* Nees
- 28 — Até 4 óvulos em todo o ovário 33
Não 29
- 29 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas, às vêzes apendiculadas 52
Não 30
- 30 — Estaminódios 2; estames férteis com as anteras hirsutas *Sanchezia* R. et Pav.
Não *Elytraria* Vahl
- 31 — Estames 4, com 1 estaminódio pequeno .. *Tremacanthus* Sp. Moore
Não *Ruellia* Lin.
- 32 — Inflorescências somente terminais *Anisacanthus* Nees
Não *Harpochilus* Nees
- 33 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas ... 34
Não 35
- 34 — Pólen com poro central e de cada lado dêste uma fileira de nódulos 73
Não 53
- 35 — Cálice truncado; flor com 2 grandes bracteolas (cfr. *Mendoncia*) *Clistax* Mart.
Não 36
- 36 — Tubo da corola estreito, cilíndrico, longo; flor não bilabiada; estaminódios 2, ligados aos filêtes dos estames como esporão ou quase como esporão *Pseuderanthemum* Radlk.
Não 37
- 37 — Flor como acima, poucas no ápice do caule *Pseuderanthemum* Radlk.
Não 38
- 38 — Flor bilabiada; filêtes inteiramente livres, com anteras sagitadas na base ... *Pachystachys* Nees
Não 39
- 39 — Filetes com um esporão *Chaetothylax* Nees
Não 40
- 40 — Anteras unitecas 41
Não 43
- 41 — Corola vermelha, com 4 lacínias; (pólen esférico provido de uma faixa equatorial e acúleos) *Stenostephanus* Nees
Não 57

42 — Inflorescência terminal	<i>Juruasia</i> Lindau
Não	80
43 — Pólen facetado	<i>Poikilacanthus</i> Lindau
Não	44
44 — Pólen noduloso	51
Não	45
45 — Pólen aculeado	79
Não	46
46 — Grãos oblongos	47
Não	48
47 — Corola acima de 3 cm com o lábio inferior profundamente trifido	32
Não	62
48 — Pólen parvi-aculeado	<i>Herpetacanthus</i> Nees
Não	49
49 — Estaminódios 2	81
Não	50
50 — Brácteas e bractéolas longas e finas	<i>Schaueria</i> Nees
Não	54
51 — Corola gibosa na base ou pólen noduloso com retículo lateral	<i>Cyphisia</i> Rizz.
Não	66
52 — Estaminódios 2; estames 2, com anteras hirsutas	<i>Sanchezia</i> R. et Pav.
Não	<i>Nelsonia</i> R. Br.
53 — Filêtes com um esporão ou anteras unitescas	<i>Chaetothylax</i> Nees
Não	58
54 — Um estaminódio	<i>Duvernoia</i> E. Mey.
Não	55
55 — Inflorescência cimosa (di-tricótoma) ..	<i>Dichazothece</i> Lindau
Não	56
56 — Tubo da corola estreito, com lábios pequenos partindo acima da parte média ..	<i>Drejera</i> Nees
Não	<i>Duvernoia</i> E. Mey.
57 — Cálice com 5 lacínias	<i>Sesbatiano-Schaueria</i> Nees
Não	<i>Heinzelia</i> Nees
58 — Pólen noduloso (mais de 1 série de nódulos)	60
Não	61
59 — Pólen alongado, com uma fenda	<i>Apelandra</i> R. Br.
Não	<i>Encephalospaera</i> Lindau
60 — Pólen com nódulos múltiplos	<i>Sericographis</i> Nees
Não	63
61 — Inflorescência em espiga	<i>Chaetochlamys</i> Lindau
Não	<i>Lophothecium</i> Rizz.

- 62 — Teca inferior da antera apendiculada (pólen microrreticulado) *Lophothecium* Rizz.
 Não 67
- 63 — Corola com 3 manchas seríceas, internamente, na base do tubo *Sericographis* Nees
 Não 64
- 64 — Inflorescência terminal densa, com grandes brácteas (maiores do que o cálice) 71
 Não 65
- 65 — Flôres solitárias ou 2 por axila *Jacobinia* Moric.
 Não 70
- 66 — Cálice com 4 sépalas *Heinzelia* Nees
 Não 69
- 67 — Pólen liso (flôres com menos de 5 mm) *Thalestris* Rizz.
 Não 68
- 68 — Flôres dispostas em pequenas espigas, as quais se ordenam em panículas *Dactylostegium* Nees
 Não *Dicliptera* Juss.
- 69 — Corola com 3 máculas seríceas, internamente na base do tubo *Sericographis* Nees
 Não 72
- 70 — Brácteas grandes, dimorfas: as ventrais lanceoladas e as dorsais ovais *Heteraspidia* Rizz.
 Não *Beloperone* Nees
- 71 — Tecas paralelas, com conectivo semilunar *Cyrtanthera* Nees
 Não *Orthotactus* Nees
- 72 — Espigas axilares *Acelica* Rizz.
 Não *Cyrtanthera* Nees
- 73 — Cálice quadripartido. Teca superior oblíqua, a inferior vertical e calcarada *Sarotheca* Nees
 Não 74
- 74 — Grãos de pólen com 3 poros. Espigas com grandes brácteas coloridas *Calliaspidia* Brem.
 Não 75
- 75 — Espigas com brácteas arredondadas e estreitadas na base (espatuladas) *Amphiscopio* Nees
 Não 76
- 76 — Flôres axilares, aglomeradas. Lábio inferior da corola com 3 rugas ou linhas transversais *Tyloglossa* Hochst.
 Não 77
- 77 — Cálice quadripartido, se quinquefido o segmento superior menor ou mais estreito. Tecas inermes *Saglorithys* Rizz.
 Não 78

78 — Espigas dispostas em panícula. Terrestres	<i>Psacadocalymma</i> Brem.
Não	<i>Dianthera</i> Lin.
79 — Inflorescência com brácteas grandes e largas. Anteras obtusas	<i>Porphyrocoma</i> Hook.
Não	<i>Rhacodiscus</i> Lindau
80 — Corola até 15 mm de comprimento	<i>Hygrophila</i> R. Br.
Não	<i>Dyschoriste</i> Nees
81 — Corola quadrífida com 10-12 mm. Pólen com campos de retículo entre as faixas também, reticuladas	<i>Morsacanthus</i> Rizz.
Não	<i>Odontonema</i> Nees

Notas sôbre o uso das chaves

1.^a — O segundo item de cada chave é sempre representado pelo advérbio *não*, que traduz a negativa do caráter (ou conjunto de caracteres) acima enunciado; êste emprêgo apresenta a grande vantagem de economizar tempo; evitando a repetição do que foi dito no primeiro item. Exemplo:

“ 4 — Tôdas as anteras unitecas	8
Não	5 ”

Não seria preciso repetir: “tôdas as anteras ditecas ou duas unitecas e duas ditecas”; êste período é todo representado pelo “nãõ” e assim por diante.

2.^a — Quando vários atributos morfológicos são enunciados em um item a presença de *todos* deve ser reclamada; a ausência de um dêles, mesmo o menos importante, invalida todo o item e se deve entrar no segundo, que será o “nãõ”. Exemplo:

“ 36 — Tubo da corola estreito, cilíndrico, longo; flor não bilabiada; estaminódios 2, ligados aos filêtes dos estames como esporão, ou quase assim	<i>Pseuderanthemum</i> Radlk.
Não	37 ”

Se o tubo da corola fôr largo e curto ou se a flor fôr bilabiada ou, ainda, se não houver estaminódios, etc., devemos entrar em “nãõ”, chave 37.

3.^a — Em certas chaves o primeiro item diz o seguinte:

“ 29 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas ..	52
Não	30 ”

Isto quer dizer que freqüentemente o calcar ou esporão é caduco e nas flôres abertas alguns já se desprenderam das tecas, pelo que não serão encontrados em tôdas. Poder-se-á — em casos de suspeita ou mesmo sistemáticamente — apelar para o botão, quando presente.

4.^a — As vêzes dois caracteres são ligados pela conjunção *ou*, que, por sua própria condição de disjuntiva, nos permite escolher um dos dois, naturalmente o de mais fácil observação e interpretação. Exemplo:

- “ 51 — Corola gibosa na base ou pólen noduloso com retículo lateral *Cyphisia* Rizz.
Não 66 ”

Procuraremos, sem dúvida, examinar a corola por mais acessível e menos trabalhoso; em caso de incerteza no que tange a um dos caracteres, apela-se para o outro.

5.^a — Outras vêzes, ao invés da conjunção disjuntiva empregamos parênteses, vindo o outro caráter entre êles. Exemplo:

- “ 67 — Pólen liso (flôres com menos de 5 mm) *Thalestris* Rizz.
Não 68 ”

Podemos escolher um dos dois.

6.^a — Em certos casos, porém, a disjuntiva *ou* não nos deixa margem para escolha e significa que somente um dos fatos morfológicos enunciados pode estar presente. Exemplo:

- “ 8 — Anteras sésseis ou filêtes menores do que a metade das anteras *Stenandrium* Nees
Não 9 ”

Como se deprende, no caso vertente ou as anteras são sésseis ou não o são e, então, os filêtes serão menores do que a metade das mesmas: não há por onde escolher.

CLASSIFICAÇÃO DOS GRÃOS DE POLEN DAS ACANTHACEAE

1 — Pólen liso:

- A — Grãos esféricos *Mendoncia* Vell.
B — Grãos elíticos *Thalestris* Rizz.

2 — Pólen com fendas:

- A — Grãos esféricos *Nelsonia* R. Br.
Staurogyne Wall.
Elytraria Vahl
- B — Grãos alongados *Aphelandra* R. Br.
Geissomeria Lindl.
Stenandrium Nees, sect.
Schizostenandrium Lindau

3 — Pólen com faixas:

- A — Faixa duas vezes enlaçando o grão de pólen (destacável com ácido sulfúrico) *Thunbergia* Lin. f.
- B — Faixas transversais e longitudinais .. *Trichanthera* H. B. K.
Sanchezia Hook.

C — Faixas longitudinais sòmente:

I — Grãos mais ou menos esféricos:

- a — Pólen com faixas reticuladas e, entre elas, campil-reticulado *Morsacanthus* Rizz.
- b — Pólen sem retículo *Drejera* Nees
Schaueria Nees
Odontonema Nees
Pseuderanthemum Radlk.
Juruasia Lindau

II — Grãos alongados:

- a — Truncados nos pólos *Dactylostegium* Nees
Dicliptera Juss.
- b — Arredondados nos pólos ... *Pachystachys* Nees
Dyschoriste Nees
Chamaeranthemum Nees
Hygrophila R. Br.
Anisacanthus Nees
Harpochilus Nees
Duvernoia E. Mey.

- § — Categoria ainda incerta neste grupo *Dichazotheca* Lindau

4 — Pólen noduloso:

- A — Duas fendas de direção oposta partindo do poro para os pólos *Clistax* Mart.
- B — Sem fendas partindo do poro:

I — Grãos com poro central e de cada lado dêste uma série de nódulos

Sarotheca Nees
Saglorithys Rizz.
Psacadocalymma Brem.
Tyloglossa Hochst.
Dianthera Lin.
Calliaspidia Brem.

II — Grãos com mais de uma série de nódulos de cada lado do poro:

a — Nódulos pouco evidentes:

1 — Três séries de nódulos:

§ — Comprimento do grão quase igual ao dôbro da largura ..

Jacobinia Moric.
Cyrtanthera Nees
Sericographis Nees
Orthotactus Nees

§§ — Comprimento do grão quase igual à largura

Chaetothylax Nees
Heinzelia Nees

2 — Duas séries de nódulos

Acelica Rizz.

b — Nódulos bem distintos:

1 — Grãos nodulosos nas faces anterior e posterior, na lateral reticulados ..

Cyphisia Rizz.

2 — Grãos ou inteiramente nodulosos ou só nas faces anterior e posterior, neste caso sem retículo lateral:

X — Nódulos múltiplos

Sericographis Nees
(*S. Macedoana* Rizz.)

XX — Nódulos simples .

Heteraspidia Rizz.
Beloperone Nees

5 — Pólen aculeado:

A — Grãos com faixa equatorial estreita ..

Stenostephanus Nees

B — Grãos sem faixa equatorial:

I — Poros numerosíssimos

Stenandrium Nees, sect.
Sphaerostenandrium Lindau



II — Poros três, raramente quatro:

- a — Grãos elíticos *Porphyrocoma* Hook.
- b — Grãos esféricos *Herpetacanthus* Nees

III — Poros dois *Rhacodiscus* Lindau

6 — Pólen alveolado:

- A — Poro em pequena fenda *Lophostachys* Pohl
- B — Fenda inexistente *Tremacanthus* Sp. Moore
Ruellia Lin.
- § — Categoria ainda incerta neste grupo .. *Pentstemonacanthus* Nees
Spirostigma Nees

7 — Pólen reticulado:

- A — Macrorretículo (patente desde 100-500 vezes) *Lepidagathis* Willd.
Acanthura Lindau
Liberatia Rizz.
- B — Microrretículo (patente desde 900 aumentos — imersão!) *Lophothecium* Rizz.
Chaetochlamys Lindau

8 — Pólen facetado:

- A — Facêtas seis com nódulos e fendas .. *Encephalosphaera* Lindau
- B — Facetas numerosas sem nódulos e fendas *Poikilacanthus* Lindau

9 — Pólen desconhecido *Sebastiano-Schaueria* Nees
Stachyacanthus Nees

OBSERVAÇÕES — Pólen alveolado facilmente se distingue do reticulado porque, no primeiro, temos nítida impressão de profundidade, à semelhança dos alvéolos de uma colmeia; isto, porém, na maioria dos casos. Algumas vezes essa distinção se torna puramente subjetiva e fica sendo função da maior ou menor experiência do observador, fato êste sobremodo inconveniente para a Sistemática como é óbvio. Em todo o caso, quando se trata realmente de retículo, o exame, mesmo com imersão, não dá a mínima idéia de profundidade: mostra simplesmente uma rede superficial, enlaçando o grão de pólen. Os diversos autores que se ocuparam do pólen, sob variados aspectos, não deram a menor importância ao assunto, mas não posso assim proceder porque em "Arquivos do Jardim Botânico", vol. VIII, 1948, pág. 394, descrevi o gênero

Lophothecium, cujo pólen — pela primeira vez descrito na família — é rigorosamente reticulado.

A diferença entre as duas ornamentações da exina referidas pode assim ser compreendida: o retículo é constituído por *linhas* e o alvéolo por *paredes*. É isso, precisamente, o que devemos procurar verificar. Não me parecem ser as transições entre ambas as formações suficientemente importantes para obstar a competente diferenciação.

É êsse o esquema mais simples e exato. Tem êle passado por numerosas modificações através de vários anos de pesquisas e, pois, é claro que o julgemos agora bastante elaborado.

Ilustrações de polens podem ser encontradas em Lindau (20 e 21) e em meu trabalho (39).

GÊNEROS BEM DEFINIDOS

Não é minha intenção repetir ou copiar diagnoses, já que elas são facilmente *acessíveis* a quem as quiser ver. Vou, tão somente, dar chaves para as espécies bem conhecidas e fazer alguns comentários em torno das mesmas ou de seus gêneros.

1 — ELYTRARIA VAHL

Enum., I, 1804, pág. 106.

Temos apenas uma espécie não muito comum e bem característica, aparecendo na "Flora" sob o epíteto *E. tridentata Vahl*; hoje, porém, denomina-se:

1 — *Elytraria squamosa* (Jacq.) Lindau.

Cfr. Pflanzenf., Nachtr. 1897, pág. 304 — Pará, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais.

2 — MENDONCIA VELL.

Vandellii Fl. Lusit. et Bras. Sp., 1788, pág. 43, fig. 22.

Gênero até 1948 extremamente confuso pelo número enorme de espécies dúbiamente criadas, donde a vasta e intrincada sinonímia. Possuímos agora 19 representantes bem delimitados, e mais 1 pouco conhecido, graças a um caráter introduzido por Bremekamp (3) e desenvolvidamente pesquisado por mim (40). Trata-se das células basais dos pêlos epidérmicos, cujas variadas

formas são deveras constantes e úteis para a subdivisão (um tanto artificial, é verdade) do grupo. Desenhos delas em (40).

Na "Flora" aparece como *Mendoncia R. et Pav.* por interessante coincidência.

I — Subgên. *Dialyactinocithus Rizz.*

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pág. 296.

Células basais dos pêlos, nas duas páginas da fôlha, com os raios inteiramente livres entre sí, mas reunidos no centro à semelhança de uma estrêla; no que tange ao número, variam de dois a nove. Pêlos glandulares sempre presentes, bi-quadríceldulares.

A — Secção *Bicithadenia Rizz.*

Ibidem.

Pêlos glandulares bicelulares, oblongos, providos de septo mediano.

a — Bractéolas revestidas por pêlos seríceos. Células com dois raios apenas:

2 — *Mendoncia multiflora Poepp. et Endl.*

Nov. Gen. et Sp., III, 1845, pág. 10 — Amazonas.

b — Fôlhas, na página inferior, cobertas por indumento densíssimo e macio, de côr amarelada. Corola branca ou branco-amarelada:

3 — *Mendoncia mollis Lindau*

Engl. Bot. Jahrb., XXV, 1898, pág. 44 — Minas Gerais.

c — Fôlhas levemente dimorfas: as maiores mucronadas, as menores acuminadas. Bractéolas gradativamente estreitadas em direção do ápice:

4 — *Mendoncia ceciliae Rizz.*

Bol. Mus. Nac., N. Ser., Bot., VIII, 1947, pág. 18 — Pará.

d — Tôdas as fôlhas acuminadas. Bractéolas subfalcadas:

5 — *Mendoncia hoffmannseggiana Nees*

Prodromus, XI, 1847, pág. 50 — Amazonas.

B — Secção *Tetracithadenia Rizz.*

Loc. cit., pág. 298.

Pêlos glandulares quadríceldulares, arredondados, raramente oblongos.



a — Fôlhas grandes (até 30 cm. comprimento) perfeitamente orbiculares, espêssas, escabras na face superior. Bractéolas densissimamente rufo-tomentosas:

6 — *Mendoncia gigas* Lindau

Notizbl. Bot. Berl., VI, 1914, pág. 192 — Amazonas, onde não é rara.

b — Fôlhas muito menores, com formas outras que a assinalada anteriormente. Bractéolas glabras ou simplesmente pilosas:

b1 — Raios celulares formando, na face superior, estrêla regular. Bractéolas com cêrca de 4 cm, dotadas de nervura mediana proeminente e prolongada em mucro de 6 mm. Toda hirsuta:

7 — *Mendoncia pilosa* Nees

Loc. cit., pág. 50 — Amazonas.

b2 — Raios das células basais dos pêlos desiguais e, daí, constituindo estrêla irregular. Bractéolas mucronado-acuminadas com cêrca de 2-3 cm de comprimento. Inteiramente pilosa:

8 — *Mendoncia aspera* R. et Pav.

Syst. Veget., 1798, pág. 158 — Mato Grosso.

b3 — Espécie inteiramente glabra:

9 — *Mendoncia glaberrima* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, pág. 206 — Minas Gerais.

II — Subgên. *Gamoactinocithus* Rizz.

Op. cit., pág. 299.

Células basais dos pêlos, em ambas as faces, com os raios concrecidos ao longo de seus trajetos formando como que rosa; no concernente ao número, até 10 encontramos. Pêlos glandulares biquadrímultipliculares.

A — Secção *Bicithotrichum* Rizz.

Ibidem.

Pêlos glandulares, com duas células.

a — Células, nas duas epidermes, perfeitamente iguais:

10 — *Mendoncia puberula* Mart.

Nov. Gen. et Sp. Pl. Bras., III, 1829, pág. 24, tab. 211.—
S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Est. Rio, Amazonas.

b — Células bem distintas, segundo a página da fôlha:

11 — *Mendoncia mello-barretoana* Steyerem.

Publ. Field Muss. Hist., Bot. Ser., XVII, 5, 1939, pág. 421
— Minas Gerais.



B — Secção *Tetracithotrichum* Rizz.

Arq. J. Bot. cit., pág. 300.

Pêlos glandulares quadrícélulares.

a — Fôlhas membranáceas e translúcidas como em *Trichomanes*, longamente acuminadas e mucronadas:

12 — *Mendoncia hymenophyllacea* Rizz.

Bol. Mus. Nac., num. cit., pág. 28 — Amazonas.

b — Fôlhas sem êsses característicos:

13 — *Mendoncia perrottetiana* Nees

Op. cit., pg. 53 — Amazonas.

C — Secção *Polycitradenia* Rizz.

Ibidem, pág. 301.

Pêlos glandulares multicélulares.

a — Fôlhas hirsutas. Bractéolas ovais, com 2,5 cm de comprimento, mucronadas, hirsutas:

14 — *Mendoncia albida* Vell.

Flora Flum., VI, 1825, pág. 263, tab. 85 — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná.

b — Fôlhas esparsamente pilosas. Bractéolas quase orbiculares, 1,5 cm longas, pouco pilosas:

15 — *Mendoncia schwackeana* Lindau

Bull. Herb. Boiss., III, 1895, pág. 361 — Minas Gerais.

III — Subgên. *Bremekampia* Rizz.

Idem.

As células na face superior como em *Dialyactinocithus*. Na inferior, com os raios menores e soldados do meio para o centro, ou *ausentes*. Pêlos glandulares biquadrícélulares. Dedicado ao ilustre sistemata de Utrecht, Prof. Dr. C. E. B. Bremekamp.

A — Secção *Sprucella* Rizz.

Ibidem, pág. 302.

Pêlos glandulares bicélulares (as células dos pêlos, ausentes na face inferior da fôlha). Em homenagem a R. Spruce, o grande coletor e hepaticologista inglês.

16 — *Mendoncia sprucei* Lindau

Ibidem, V, 1897, pág. 647 — Amazonas.

B — Secção *Vellozanthus* Rizz.

Idem.

Pêlos glandulares quadrícélulares (as células presentes em ambas as faces):

17 — *Mendoncia coccinea* Vell.

Loc. cit., pág. 263, tab. 86 — De tôdas a mais vulgar. Rio de Janeiro, Santa Catarina, etc..

IV — Subgên. *Anactinocithus* Rizz.

Idem.

Destituído de células basais nos pêlos, êstes freqüentemente ausentes.
Pêlos glandulares biquadricelulares.

A — Secção *Turrillia* Rizz.

Ibidem, pág. 303.

Pêlos glandulares bicelulares. Consagrada a W. B. Turrill, o botânico inglês que por último estudou com felicidade o gênero em foco.

18 — *Mendoncia retusa* Turrill

Bull. Misc. Inform. Kew, IX, 1919, pág. 423 — Peru, com probabilidade de ocorrer também no Brasil.

B — Secção *Lindavia* Rizz.

Ibidem.

Pêlos glandulares quadricelulares (fôlhas com duas hipodermes constituídas de fibras). Dedicada ao genial microlíquenoólogo G. Lindau, que tão completamente reformou a difícil família das *Acanthaceae*.

19 — *Mendoncia obovata* Lindau

Ibidem, pág. 646 — Venezuela; talvez venha ainda a ser encontrada em nossa pátria.

§ — Espécie com posição incerta; pêlos glandulares multicelulares (como em *Polycithadenia*), bractéolas quase redondas e cuspidadas, fôlhas novas com pêlos esparsos e as adultas completamente glabras:

20 — *Mendoncia hoehneana* Mildbr.

Literatura desconhecida (*nomen tantum?*). Acha-se no herbário do Instituto de Botânica de S. Paulo sob o n.º 27.185 (M. Kuhlmann 23-XI-1933). São Paulo.

Espécie mal conhecida:

21 — *Mendoncia fulva* Lindau

Bull. Herb. Boiss., V, 1897, pág. 645 — Minas Gerais.

Para as espécies dúbias e sinonímia cfr. (39, 40, 3 e 4).

3 — THUNBERGIA LIN. F.

Suppl., pág. 292.

Muito maior do que o anterior, é exclusivamente afro-asiático. Contudo, pela mor parte do território nacional distribui-se *Th. alata* Bojer como espécie subespontânea, perfeitamente adaptada ao novo *habitat*, inclusive nas bordas das matas, onde, contudo, não a vimos penetrar ainda; possui flôres amarelas (às vêzes alvas) com a fauce parda. Muito cultivada é a belíssima *Th. grandiflora* Roxb., cujas flôres são azuis, com tonalidade para branco; menos plantadas são algumas outras, que não vêm a pêlo citar. Raras não são trepadeiras.

4 — TRICHANTHERA H. B. K.

Nov. Gen. et Sp. Plant., II, 1817, pág. 243.

Inconfundível por ser o único gênero brasileiro com porte arbóreo. Trata-se de pequena árvore cespitosa (pelo menos no Jardim Botânico, onde cresce admiravelmente) procedente da Amazônia.

Sua espécie única é:

22 — *Trichanthera gigantea* H. B. K.

Ibidem — Amazonas.

5 — SANCHEZIA R. ET PAV.

Prodr. Fl. Peruv., I, pág. 7, tab. 8.

Gênero com três espécies no Brasil, sendo a mais comum exótica, mas aqui incluímos, de tão cultivada; trata-se de *Sanchezia nobilis* Hook., conhecida por "fôlha da independência", devido às suas lindamente coloridas fôlhas, muito empregada para sebes vivas.

A — Uma espiga só, terminal:

I — Fôlhas verdes:

23 — *Sanchezia munita* (Nees) Benth.

Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 64, tab. 7.

Bentham, Gen. Plant., II, pág. 1.083 — Amazonas, Pernambuco.

II — Fôlhas variegadas (amarelo e verde):

24 — *Sanchezia nobilis* Hook.

Bot. Magaz., tab. 5.594 — Equador.

B — Uma espiga terminal e uma ou duas axilares:

25 — *Sanchezia macrocnemus* (Nees) Lindau

Nees, ibidem.

Lindau, Pflanzenf., IV, 3 b, pág. 294 — Pará.

Tôdas são dotadas de grandes brácteas coloridas nas muito ornamentais inflorescências, porém, somente a indicada, exótica, é cultivada. Na "Flora" aparece o gênero sob a denominação sinônima de *Ancylogyne*.

6 — LIBERATIA RIZZ.

Bol. Mus. Nac., Nov. Ser., Bot., VIII, 1947, pág. 21, tab. 4.

Só uma espécie não muito rara com flôres esbranquiçadas:

26 — *Liberatia diandra* (Nees) Rizz.

Nees, loc. cit., pág. 70.

Rizzini, ibidem, pág. 22 — Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná.

Na "Flora" se acha sob o nome de *Lophostachys diandra* Nees; êste autor mesmo interroga: "Tipo de um novo gênero?", naturalmente porque com dois estames jamais poderia pertencer àquele gênero. Tendo à mão farto material, isolamo-lo em outro à parte.

7 — LOPHOSTACHYS POHL

Plant. Bras., II, 1831, pág. 93.

Chave para as espécies melhor conhecidas:

A — Corola até 20 mm. de comprimento:

I — Extremidades vegetativas e inflorescências densamente vilosas:

27 — *Lophostachys villosa* Pohl

Ibidem, pág. 94, tab. 161 — Goiás.

II — Sumidades tôdas não vilosas:

§ — As fôlhas, na base e no ápice, estreitadas:

28 — *Lophostachys laxifolia* Nees

Fl. Bras., vol. cit., pg. 68 — Rio de Janeiro.

§§ — Fôlhas oblongas ou ovais:

29 — *Lophostachys semiovata* Nees

Ibidem. Desenho: Rizzini, loc. cit., tab. 2 A — Rio de Janeiro.

B — Corola além de 20 mm de comprimento:

a — Peciolo até 8 mm de comprimento:

I — As fôlhas lanceoladas, acuminadas, com mais de 11 cm de comprimento:

30 — *Lophostachys falcata* Nees

Idem, pág. 67. Desenho em Rizzini, ibidem, tab. 3 — Minas Gerais, Goiás.

II — As fôlhas não lanceoladas e nem acuminadas, até 11 cm de comprimento:

31 — *Lophostachys montana* Mart.

In Nees loc. cit., pág. 68. Desenho: Rizzini, idem, tab. 2 B — Minas Gerais

b — Peciolo além de 8 mm de comprimento:

32 — *Lophostachys floribunda* Pohl

Op. cit., pág. 95, tab. 162 — Minas Gerais, Goiás, S. Paulo; planta bastante comum.

Anteriormente (45) considerei minha espécie *Lophostachys bradei* (Bol. Mus. Nac. já citado, pág. 21, tab. 1) como sinónima desta última, o que agora reafirmo.

Lista das demais espécies em (40), às páginas 308-309.

8 — CHAMAERANTHEMUM NEES

Lind., *Introduct.*, 2.^a ed., pág. 445.

Só duas espécies decumbentes, bastante ornamentais:

A — Fôlhas subcordiformes. A planta inteira molemente velutina:

33 — *Chamaeranthemum gaudichaudii* Nees

Ibidem, pág. 155 — Rio de Janeiro, vulgaríssima.

B — Fôlhas ovais ou oblongas. A planta revestida por indumento não velutino:

34 — *Chamaeranthemum beyrichii* Nees

Idem, tab. 28 — Rio de Janeiro, menos comum.

9 — DREJERA NEES

Fl. Bras, IX, 1847, pg. 112.

A — Fôlhas até 4 cm de largura. Inflorescência séssil. Corola profundamente bilabiada:

35 — *Drejera ramosa* Nees

Ibidem, tab. 17 — Goiás, muito pouco frequente.

B — Fôlhas com mais de 4 cm de largura. Inflorescência pedunculada. Corola remotamente bilabiada:

36 — *Drejera polyantha* Rizz.

Bol. Mus. Nac., n. cit., pág. 23, tab. 6 — Lindo vegetal não muito raro no Itatiaia (Est. Rio de Janeiro).

10 — PACHYSTACHYS NEES

Op. cit., pág. 99.

Uma emenda à diagnose genérica se encontra em (40), pág. 311. Temos três representantes, todos da hiléia amazônica:

A — Fôlhas nitidamente pecioladas. Corola vermelha:

I — Brácteas, na base, longamente estreitadas:

37 — *Pachystachys riedeliana* Nees

Ibidem, pág. 99 — Amazonas. Fácilmente cultivado no Jardim Botânico.

II — Brácteas, na base, muito pouco estreitadas:

38 — *Pachystachys coccinea* (Aubl.) Nees

Aublet, Plant. Guian., I, pág. 10, tab. 3.

Nees, DC Prodr., XI, pág. 319 — Guiana, certo no Brasil. Cultivada sem dificuldade no Jardim Botânico.

B — Fôlhas perfeitamente sésseis. Corola-branca:

39 — *Pachystachys albiflora* Rizz.

Bol. Mus. Nac., VIII, 1947, pág. 23, tab. 7 — Território do Acre.

11 — CYPHISIA RIZZ.

Rev. Brasil. Biol., VI (4), pág. 521, 1946.

Bremekamp (6), comentando os gêneros da tribo *Justicieae*, julga *Cyphisia* bem distinto de *Beloperone* — ainda que este seja o mais próximo daquele — pela corola gibosa de côr violácea.

A espécie única até agora conhecida já desapareceu (ou será talvez muito rara) porque foi colhida em pedreira que se achava em exploração.

40 — *Cyphisia venusta* Rizz.

Ibidem, pág. 522 — Minas Gerais.

12 — CLISTAX MART.

Nov. Gen. et Sp. Plant. Bras., III, 1829, pág. 26.

Trepadeiras com grandes flôres, com cálice inconspicuo.

A — Bractéolas glabras:

41 — *Clistax brasiliensis* Mart.

Ibidem — Rio de Janeiro, Minas Gerais.

B — Bractéolas pubescente tomentosas:

42 — *Clistax speciosus* Nees

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 14 — Rio de Janeiro.

13 — HEINZELIA NEES

Ibidem, pág. 153.

Gênero fundido por Lindau com *Chaetothylax* Nees em razão da identidade polínica; restaurei-o, sem embargo, porque este apresenta as anteras peculiares com a teca superior normal e a inferior estéril transformada em esporão, ao passo que *Heinzelia* tem-nas fundidas numa só como se a antera fôsse uniteca. Além disso, as dimensões das flôres são constantes: neste, sempre menor do que 1 cm, naquele, maior do que dois.

A — Fôlhas lanceoladas e glabras:

43 — *Heinzelia lythroides* Nees

Idem, pág. 154, tab. 27 — Rio de Janeiro, Minas Gerais.

B — Fôlhas ovais ou oblongas, pilosas:

44 — *Heinzelia ovalis* Nees

Idem — S. Paulo, Minas Gerais, Paraná.

14 — CALLIASPIDIA BREM.

Verh. Kon. Ned. Akad. Van Wetens., Afd. Natuurk.,
XLV (2), 1948, pág. 54.

Este gênero não é nativo em nossa terra, mas a sua espécie única abaixo citada é tão comumente cultivada que julgamos conveniente aqui incluí-lo. É conhecida vulgarmente por "camarão vegetal" devido as suas enormes brácteas vermelhas.

Foi feita por Bremekamp nova combinação para *Beloperone guttata* Brand, em razão dos polens com três poros, com uma série de nódulos de cada lado dos mesmos e das grandes brácteas.

45 — *Calliaspidia guttata* (Brand.) Brem.

Brandgee, Univ. Calif. Publ. Bot., IV, 1912, pág. 278
Bremekamp, ibidem — México, plantada em quase todos os nossos jardins.

15 — APHELANDRA BR.

Prodr. Fl. Nov. Holl., I, pág. 475.

As secções de Nees (*Stenochila* e *Platyhila*) praticamente não se distinguem e, pois, foram abandonadas.

A — Pedúnculo da inflorescência além de 15 mm de comprimento:

I — Brácteas com a margem espinhoso-dentada ou serrulada:

a — Fôlhas crenadas.

46 — *Aphelandra crenatifolia* Rizz.

Arq. J. Bot. Jan., VIII, 1948, pág. 327, tab.
III — Estado do Rio de Janeiro .

b — Fôlhas de todo íntegras ou apenas levemente sinuadas:

§ — Corola nitidamente bilabiada; estames exsertos:

47 — *Aphelandra nemoralis* Mart.

Ex Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 90, tab.
11 — Rio de Janeiro

§§ — Corola sub-bilabiada; estames incluídos no tubo da corola:

I — As folhas até 25 mm de largura e 17 cm de comprimento. As brácteas longissimamente subulado-acuminadas:

48 — *Aphelandra rigida* Mildbr.

Notizbl. Bot. Gart. Berl., XI pág. 65

— Est. do Rio de Janeiro.

II — As folhas além de 25 mm de largura e 17 cm de comprimento. Brácteas muito pouco agudas:

49 — *Aphelandra maximiliana* (Nees) Benth.

Nees, ibidem, pág. 85, tab. 10.

Bentham, loc. cit. — Espírito Santo.

II — Brácteas integérrimas:

a — Folhas, na face superior, com estrias amarelas ao longo das nervuras principais:

50 — *Aphelandra stephanophysa* Nees

Loc. cit., pág. 90 — Estado do Rio.

b — Folhas destituídas de estrias amarelas:

§ — Brácteas muito largas, no ápice brevemente agudas e reflexas:

51 — *Aphelandra squarrosa* Nees

Ibidem, pág. 89 — No mesmo loacl.

* — Folhas muito menores: 13-20 cm X 5-7 cm.

Inflorescências com 7-9 cm de comprimento:

Var. *angustifolia* Nees

Ibidem — Est. Rio.

§§ — Brácteas obtusas:

I — Brácteas de ápice arredondado, com 15 mm de largura. Folhas além de 18 cm de comprimento; estilete, no fruto, reduzido quanto ao comprimento e aumentado quanto à largura:

52 — *Aphelandra concinna* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., vol. cit., pág.

324, tab. I — Est. do Rio.

II — Brácteas com o ápice ovalado, muito menores do que as precedentes. As folhas até 18 cm de comprimento; estilete no fruto diminuído, mas filiforme:

53 — *Aphelandra nuda* Nees

Flora, etc., pág. 89 — Pernambuco.

§§§ — Brácteas agudas, sempre acuminadas:

I — Arbusto. Brácteas glabras:

54 — *Aphelandra edmundoana* Rizz.

Ibidem, pág. 326, tab. II — Est. Rio.

* — Fôlhas lanceoladas com cêrca de 13-18 cm de comprimento, 2,5-4 cm de largura; espiga única, terminal, até 9 cm de comprimento:

Var. *monocephala* Rizz.

II — Erva com folhas ovais, até 10 cm de comprimento. Brácteas até 15 mm de comprimento, pilosas:

55 — *Aphelandra acrensis* Lindau

Notizbl. Bot. Gart. Berl., VI, pág. 196 — Território do Acre.

III — Erva com fôlhas lanceoladas, além de 10 cm de comprimento. Brácteas além de 15 mm de comprimento, também pilosas:

56 — *Aphelandra phrynoides* Lindau

Bull. Herb. Boiss., 2 Ser., IV, 1904, pág. 326 — Bahia.

B — Pedúnculo da inflorescência com menos de 15 mm de comprimento e mais do que 5 mm:

I — Brácteas com a margem espinhoso-dentada ou serrulada:

57 — *Aphelandra paraensis* Lindau

Ibidem, pág. 324 — Pará.

II — Brácteas integérrimas:

a — Brácteas com menos de 10 mm, escabras. Fôlhas além de 15 cm:

58 — *Aphelandra macrostachya* Nees

Fl. Bras., vol. cit., pág. 88 — Amazonas.

b — Brácteas provàvelmente com o mesmo comprimento, mas não escabras. Fôlhas até 15 cm de comprimento:

§ — Brácteas obtusas, no ápice arredondadas:

59 — *Aphelandra lutea* (Nees) Benth.

Nees, ibidem, pág. 87.

Bentham, loc. cit. — Rio de Janeiro.

§§ — Brácteas acuminadas:

60 — *Aphelandra marginata* Nees

Idem, pág. 91 — Minas Gerais.

C — Pedúnculo da inflorescência ausente (com menos de 5 mm de comprimento):

X — Tôdas as brácteas (raro sômente as superiores) com a margem espinhoso-dentada ou serrulada:

I — Caule piloso:

a — Brácteas glabras:

61 — *Aphelandra obtusa* (Nees) Benth.

Nees, Flora, etc., pág. 86.

Bentham, op. cit. — S. Paulo, Goiás.

b — Brácteas pilosas:

62 — *Aphelandra caput-medusae* Lindau.

Bull. Herb. Boiss., vol., cit., pág. 324 — Amazonas.

II — Caule glabro:

a — Corola citrina. Brácteas com a margem provida de 5 denticulos:

63 — *Aphelandra chamissoniana* Nees

Loc. cit., pág. 90 — Santa Catarina, onde é relativamente comum.

b — Corola vermelha. Brácteas com 2-3 denticulos:

64 — *Aphelandra sciophila* Mart.

Ex Nees, ibidem, pág. 91 — Amazonas.

XX — Brácteas com a margem inteira:

a — Brácteas obtusas, mucronadas ou não, consistência não rígida:

§ — Fôlhas pilosas, principalmente na página superior:

65 — *Aphelandra montana* (Nees) Lindau

Nees, op. cit., pág. 87.

Lindau, Pflanzenf., IV, 3 b, pág. 322 — S. Paulo, Minas Gerais.

§§ — Fôlhas destituídas de pêlos:

I — Corola amarela:

59 A — *Aphelandra lutea* (Nees) Benth.

Cfr. o n.º 59 — Exemplar de Ouro Prêto.

II — Corola vermelha:

66 — *Aphelandra repanda* (Nees) Benth.

Nees, ibidem, pág. 86.

Bentham, op. cit. — Pará.

b — Brácteas agudas ou acuminadas, pungentes, rígidas:

§ — Estames alcançando as lacínias da corola:

67 — *Aphelandra mucronata* (Nees) Benth.

Nees, idem.

Bentham, ibidem — Minas Gerais, Mato Grosso.

§§ — Estames incluídos no tubo da corola:

I — Arbusto. Fôlhas agudamente decorrentes no peciolo:

68 — *Aphelandra prismatica* (Vell.) Benth.

Velloso, Fl. Flum., VI, tab. 98.

Bentham, idem. — Rio de Janeiro, a mais comum de tôdas.

* — Folhas bem mais estreitas do que usualmente:

Var. *stenophylla* Rizz.

Arq. J. Bot. cit., pág. 323 —
Ibidem.

II — Erva. Fôlhas sésseis ou pecioladas, neste caso com os pecíolos alados devido à lâmina desistente:

69 — *Aphelandra blanchetiana* (Nees) Benth.
Nees, apud Moricand, Pl. Nouv. Amer., 1833, pág. 161, tab. 94.
Bentham, idem — Bahia, Minas Gerais.

c — Brácteas agudas não rígidas. Corola com cêrca de 4-5 cm de comprimento. Fôlhas membranáceas, papiráceas:

§ — Fôlhas glabras até 15 cm de comprimento. Corola igualmente glabra, com 4 cm de comprimento:

70 — *Aphelandra lurida* Rizz.

Dusenya, III (3), 1952 — Espírito Santo.

§§ — Fôlhas ciliadas com 16-23 cm de comprimento: Corola pubescente, com 5-5,5 cm de comprimento:

71 — *Aphelandra bradeana* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pág. 325 — Est. Rio de Janeiro.

16 — LOPHOTHECIUM RIZZ.

Ibidem, pág. 335.

Muito característico pelos grãos de pólen microrreticulados e anteras bastante semelhantes às das *Gesneriaceae*, dotadas, ainda, de apêndice no lóculo inferior.

72 — *Lophothecium paniculatum* Rizz.

Idem, pág. 336, tab. 5 — Minas Gerais.

17 — GEISSOMERIA LINDL.

Bot. Regist., tab. 1.045.

A — Brácteas maiores e mais largas do que o cálice:

1 — Secção *Platystegiae* Nees

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 83.

I — Corola glabra:

73 — *Geissomeria bracteosa* Nees

Ibidem — Rio de Janeiro.

- II — Corola velutina:
§ — Corola com cêrca de 3 cm de comprimento. Espigas simples e solitárias:
74 — *Geissomeria dichroa* Rizz.
Dusení, n. cit., 1952 — Paraná.
§§ — Corola com 3,5-4 cm de comprimento. Espigas terminais compondo uma panícula:
75 — *Geissomeria perbracteosa* Rizz.
Arq. J. Bot. cit., pág. 334 — S. Paulo.
- B — Brácteas menores, ou, no máximo, do mesmo tamanho, que o cálice:
2 — Secção *Brachystegiae* Nees
Loc. cit., pág. 80.
- I — Fôlhas largamente oblongas, tênues, ciliadas:
76 — *Geissomeria ciliata* Rizz.
Dusenía, vol. cit. — Goiás.
- II — Fôlhas, pelo menos, não ciliadas:
+ — Caule todo ou apenas na parte superior, piloso (veja em estado adulto):
77 — *Geissomeria pubescens* Nees
Ibidem, pág. 82 — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, S. Paulo.
++ — Caule glabro (sômente em estalo adulto porque quando novo às vêzes é pubérulo):
X — Espigas interrompidas (isto é, com as flôres opostas sendo cada par bem afastado do seguinte):
78 — *Geissomeria distans* Nees
Idem, pág. 83 — Rio de Janeiro, Espírito Santo.
XX — Espigas com as flôres muito aproximadas, imbricadas ou quase:
a — Corola glabra:
§ — Corola rubra:
£ — Pequena árvore (arbusto grande) com ramos quase quadrangulados, (achatados pela dessecção):
79 — *Geissomeria cestriifolia* Nees
Idem, pág. 81 — Bahia.
££ — Arbusto com ramos suculentos (murchos no herbário):
I — Fôlhas até 28 cm de comprimento ou as brácteas

do mesmo tamanho que o cálice:

80 — *Geissomeria macrophylla* Nees

Idem, pág. 80 —
Bahia, Espírito Santo.

II — Fôlhas além de 28 cm de comprimento ou as brácteas duas vezes menores do que o cálice:

81 — *Geissomeria nitida* (Nees et Mart).

Nees

Nees e Martius,
Nov. Act. Acad.

Nat. Cur., pág.
51.

Nees, Fl. Bras.,
pág. 51 — Bahia.

§§ — Corola luteo-estriada, o limbo com os segmentos vermelho-escuro:

82 — *Geissomeria tetragona* Lindau
Bull. Herb. Boiss., V (1),
1897, pág. 659 — Mato Grosso,
Rio de Janeiro.

b — Corola velutina ou pubescente:

§ — Fôlhas, na face superior, moderadamente pilosas:

83 — *Geissomeria longiflora* Lindl.

Loc. cit. — Rio de Janeiro,
Minas Gerais.

§§ — Fôlhas glabras ou, mais raramente, escassamente pilosas na face superior:

! — Fôlhas com 21-32 cm X 6-11 cm. Filetes pilosos, sendo dois com o ápice muitíssimo viloso:

84 — *Geissomeria gigantea*

Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan.,
IX, 1949, pg. 205 — Minas Gerais.

- * — Espigas terminais reunidas em corimbo, folhas com 27 cm X 5 cm:

Var. *corymbosa* Rizz.

Dusenía, III (3), 1952

— Espírito Santo.

- !! — Sem êsses caracteres reunidos:

- I — Brácteas densamente estrigiloso-vilosas, duas vezes menores do que o cálice. Segmentos calicinos todos iguais:

85 — *Geissomeria schottiana* Nees

Op. cit., pág. 82 —
Rio de Janeiro,
S. Paulo, Minas
Gerais.

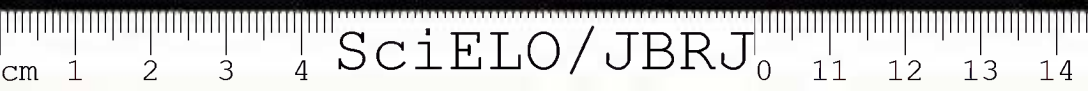
- II — Brácteas escabras, pouco menores do que o cálice. Sépalos desiguais quanto à largura:

X — Folhas tênues, quase membranáceas. Brácteas verdes, em sêco esverdeadas ou amareladas. Inflorescência acima de 3 cm de comprimento, espigas secundárias corimbosas:

86 — *Geissomeria cincinnata* Nees

Ibidem, pg. 81
— A mais comum. Rio de Janeiro, Pará, Espírito Santo, Minas Gerais, S. Paulo.

- * — Tôda a planta menor. Folhas com 10-15 cm



de comprimento, 4-6 cm
de largura.
Espigas com
6-10 cm de
comprimento:
Var. *redacta*
Rizz.
Ibidem — Minas.

XX — Fôlhas mais firmes.
Brácteas escuras,
nervosas, mais fortemente imbricadas. Inflorescência menor, trifida:

83 A — *Geissomeria longiflora*
Lindl. var. paniculata
Nees
Cfr. n.º 83 — Rio de Janeiro.

18 — STENOSTEPHANUS NEES

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 91.

Uma espécie parcamente distribuída que tem sido colhida algumas vezes nestes últimos tempos. O segundo representante dêste típico gênero foi descrito por Lindau (Notizbl., VI, 1914, pág. 198) sob o binômio *St. Thyrsoides*, mas nunca o ví.

87 — *Stenostephanus lobeliiformis* Nees

Ibidem, pág. 92 — Est. do Rio, S. Paulo, Espírito Santo, sempre em localidades elevadas. Cfr. desenho em Rizzini: 40, tab. 6.

19 — PORPHYROCOMA HOOK.

Bot. Magaz., 1845, tab. 4.176.

Uma espécie só, não muito rara em Minas, e interessantíssima por seu pólen aculeado, fato que permite reconhecê-la imediatamente. Acha-se na "Flora" sob *Orthotactus Pohlianus* Nees.

88 — *Porphyrocoma pohliana* (Nees) Lindau

Nees, loc. cit., pág. 134.

Lindau, Pflanzenf., IV, 2 b, 1897, pág. 342. — Minas Gerais, principalmente. Est. do Rio, raríssima. A var. *angustifolia* Nees não se distingue efetivamente do tipo.

20 — ACELICA RIZZ.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 55.

Gênero destacado de *Justicia*, *sensu* Lindau, por não ser o pólen do tipo descrito por êsse autor; contém êle duas séries de nódulos de cada lado do poro e não uma só. Atualmente com três espécies bem caracterizadas.

A — Planta pilosa:

I — Bractéolas caducas, só evidentes no herbário, pelas cicatrizes:

89 — *Acelica holosericea* (Nees) Rizz.

Nees, op. cit., pág. 148.

Rizzini, nov. comb. — Rio de Janeiro.

II — Bractéolas persistentes:

90 — *Acelica cydoniifolia* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, tab. 25.

Rizzini, loc. cit., pág. 41 e 55 — Rio de Janeiro, não rara.

B — Planta glabra:

91 — *Acelica scandens* Rizz.

Dusenja, I (5), 1950, pág. 292 — Espírito Santo.

Na grande obra de Martius surge como *Adhatoda*, do qual outra foi também destacada em gênero aparte (*Poikilacanthus Lindau*).

21 — HETERASPIDIA RIZZ.

Arq. J. Bot. cit., pág. 56.

A espécie única foi, primitivamente, descrita por mim em *Beloperone* (cfr.: 39, pág. 25, tab. 10), onde cabia perfeitamente; posteriormente, em virtude da limitação imposta por Bremekamp (6, pág. 52) fui obrigado a separá-la em razão de suas enormes brácteas dimorfas, seguindo o exemplo do mesmo autor para *Beloperone guttata Brandg.* Pôsto isto, é gênero muito característico, pelo fato apontado, no grupo de grãos de pólen com três séries de nódulos de cada lado do poro (ex-grupo de *Jacobinia* segundo Lindau).

92 — *Heteraspidia scansilis* Rizz.

Ibidem. Desenho em (39), já citado acima — Amazonas.

22 — JACOBINIA MORIC.

Plant. Nouv. Amer., 1833, pág. 156.

Agora reduzido à espécie primeira, caracterizando-se bem pelas flôres solitárias (raramente duas por axila), cálice além de 2 cm, lóculo inferior da antera calcarado, brácteas pequenas e sementes lisas.

93 — *Jacobinia lepida* Moric.

Ibidem — Bahia, onde é planta rara.

23 — ORTHOTACTUS NEES

Fl. Bras., vol. cit., pág. 131.

Atualmente considero-o possuidor de três representantes bem definidos, abaixo relacionados. As seguintes espécies continuam em *Amphiscopia*, até posterior estudo dos grãos de pólen, que ainda não pudemos examinar: *O. Felisbertianus* Nees, *O. glandulosus* Nees, *O. roseus* Nees e *O. venosus* Nees.

A — Râmulos e margem das brácteas densamente revestidas por indumento fulvo, bem como as partes mais novas e pedúnculo da inflorescência:

94 — *Orthotactus fulvohirsutus* Rizz.

Dusenía, I (5), 1950, pág. 201 — Espírito Santo.

B — O denso indumento fulvo ausente:

I — Espigas opostas. Lábio inferior da corola duas vezes maior do que na seguinte:

95 — *Orthotactus strobilaceus* Nees

Ibidem, pág. 133 — Pernambuco, Bahia. Belíssima planta para jardim.

II — Espigas alternas. Lábio inferior da corola duas vezes mais curto do que na anterior:

96 — *Orthotactus aequilabris* Nees

Idem, pág. 134 — Localidade de colheita não anotada.

24 — ODONTONEMA NEES

Linnaea, XVI, pág. 300.

Encontra-se na "Flora" como *Thyracanthus* Nees. São as seguintes espécies bem conhecidas do Brasil:

A — Fôlhas sésseis, amplexicaules:

- 97 — *Odontonema amplexicaule* (Nees) Lindau
Nees, Fl. Bras., vol. cit., pág. 98.
Lindau, Pflanzenf., vol. cit., pág. 335 — Localidade
não anotada pelo coletor.

B — Fôlhas pecioladas:

I — Flôres com estaminódios:

- 98 — *Odontonema barlerioides* (Nees) Lindau
Nees, ibidem, pág. 97, tab. 13.
Lindau, ibidem — Minas Gerais, Espirito Santo,
Est. do Rio.

II — Flôres sem estaminódios:

- a — Corola com 2,5 cm. de comprimento, tendo o limbo extre-
mamente curto e lacínias mucronuladas:
99 — *Odontonema dissitiflorum* (Nees) Lindau
Nees, idem, pág. 98
Lindau, idem — Estado do Rio.
- b — Corola com 1,8 cm de comprimento, bilabiada:
100 — *Odontonema ramosissimum* (Moric. ex Nees) Lindau
Idem, idem — Bahia.
- c — Corola com 4-5 cm de comprimento. Fôlhas com 10 cm
de largura:
101 — *Odontonema latifolium* Rizz.
Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 59 — Rio
de Janeiro (Itatiaia).

25 — *STAUROGYNE WALL.*

Plant. Asiat. Rar., pág. 80, tab. 86.

Na "Flora", surge com a denominação de *Ebermaiera* Nees, hoje trans-
formado em secção, aliás a única do gênero que temos.

A — Pequena planta rasteira com fôlhas sésseis até 2 cm de comprimento:

- 102 — *Staurogyne repens* (Nees) O. Ktze.
Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 20 — Amazonas, Goiás.

B — Vegetais estoloníferos (caule na base rastejante, emitindo vários ou-
tros). Fôlhas lanceoladas, até 1 cm de largura:

- 103 — *Staurogyne stolonifera* (Nees) O. Ktze.
Nees, ibidem, pág. 19 — Pará, Amazonas.

C — Plantas erectas com as fôlhas nitidamente pecioladas:

- I — Flôres grandes, notáveis entre tôdas as do gênero, axilares,
solitárias, ou terminais mais ou menos em espiga, com o cálice
tendo cêrca de 3 cm de comprimento e a corola 4-4,5 cm:

104 — *Staurogyne macrantha* Lindau

Bull. Herb. Boiss., I, 1897, pág. 643 — Minas Gerais.

II — Flôres sem os caracteres acima enunciados:

a — Brácteas e corola vermelhas, freqüentemente estas obscuramente rubras:

105 — *Staurogyne itatiaiae* (Wawra) Leonard.

Wawra, Itin. Princ. S. Coburg., I, 1883, pág. 93, tab. 2.

Leonard, Journ. Wash. Acad. Sci., XXVII, 1937, pág. 402 — Est. do Rio, comuníssima no Itatiaia. Minas Gerais, muito rara.

b — Brácteas e corola não rubras. Aquelas quase sempre mais ou menos obscuramente amarelas ou esverdeadas, estas brancas ou, principalmente, amarelas:

§ — Corola branca até 1 cm de comprimento. Fôlhas, na página inferior, mais pálidas ou prateadas:

X — Flôres apertadamente agrupadas. Brácteas oval-oblongas:

106 — *Staurogyne floribunda* Rizz.

Inédita (o material foi devolvido ao dono e a diagnose feita sobre êle perdida).

XX — Flôres mais frouxamente dispostas. Brácteas espatuladas:

I — Fôlhas, na face superior, lisas:

107 — *Staurogyne mandioccana* (Nees) O. Ktze.

Loc. cit., pág. 16 — Extremamente comum. Rio de Janeiro, S. Catarina, Espírito Santo.

II — Fôlhas, na mesma face, cobertas por tubérculos visíveis sob lente:

108 — *Staurogyne riedeliana* (Nees) (Nees) O. Ktze.

Ibidem, pág. 18 — Est. do Rio. Espírito Santo. Pouco encontrada.

§§ — Corola mais longa e amarela:

I — Tôdas as partes do vegetal glanduloso-pilosas, as fôlhas oblongo-lanceoladas até 7 cm X 2 cm:

109 — *Staurogyne glutinosa* Lindau

Loc. cit., pág. 644 — Minas Gerais.

II — Plantas — com exceção às vêzes da inflorescência — desprovidas de pêlos glandulosos. Fôlhas maiores:

V — Fôlhas lanceoladas com 9 cm X 1,5 cm:

O — Caule moderadamente piloso:

110 — *Staurogyne hirsuta* (Nees)

O. Ktze.

Idem, pág. 18 — Minas Gerais.

OO — Caule glabro:

111 — *Staurogyne minarum*

(Nees) O. Ktze. var. *microphylla* Nees.

VV — Fôlhas agudas, oblongas ou ovais:

Z — Fôlhas perfeitamente ovais, vilosas nas duas faces bem como os ramos:

112 — *Staurogyne vauthieriana*

(Nees) O. Ktze.

Idem, pág. 15 M. Gerais.

ZZ — Fôlhas, em geral, oblongas:

1 — Fôlhas, na face superior, pulverulento-tomentosas; caule piloso:

113 — *Staurogyne elegans*

(Nees) O. Ktze.

Idem, pág. 17 — Minas Gerais.

2 — Fôlhas, na mesma face, lisas e nítidas, somente quando novas pouquíssimo pilosas:

114 — *Staurogyne minarum*

(Nees) O. Ktze.

Idem, — Minas Gerais.

3 — Folhas, em ambas as faces, pilosas; caule muito hirsuto ou esponjoso-tomentoso:

115 — *Staurogyne anigozanthus* (Nees) O. Ktze.

Idem, pág. 16 — Minas Gerais.

D — Plantas erectas, com fôlhas sésseis:

I — Fôlhas oblongo-lanceoladas com 20-30 mm X 5-6 mm; corola além de 1 cm de comprimento:

116 — *Staurogyne ericoides* Lindau

Engl. Bot. Jahrb., XXV, 1898, Beibl. 60, pág. 44 — Minas Gerais.



II — Fôlhas oval-oblongas; corola até 1 cm de comprimento:

117 — *Staurogyne veronicifolia* (Nees) O. Ktze.

Loc. cit., pág. 18 — Localidade natal não anotada.

OBS. — Tôdas as combinações de Otto Kuntze apareceram em seu livro "Revisio Generum Plantarum", que não conhecemos.

26 — DICLIPTERA JUSS.

Ann. Mus. Paris, IX, pág. 367.

Temos duas secções com poucas espécies.

A — Brácteas orbiculares, ovais ou oblongo-ovais, na base não cuneiformes:

1 — Secção *Platystegiae* Nees

Prodromus, XI, pág. 474.

I — Brácteas quase arredondadas, obtusas, no ápice apenas mucronadas:

118 — *Dicliptera ciliaris* Juss.

Ibidem, pág. 268 — Pernambuco, Bahia.

II — Brácteas oblongo-obovadas, no ápice cuspidadas, bem como as fôlhas:

119 — *Dicliptera mucronifolia* Nees

Fl. Bras., IX, 1847, pág. — 161 — Minas Gerais, Bahia, Piauí.

B — Brácteas, na base, mais ou menos cuneiformes,

2 — Secção *Sphenostegiae* Nees

Prodromus, vol. cit., pág. 479.

I — Fôlhas, em ambas as faces, pubescente-tomentosas:

120 — *Dicliptera sericea* Nees

Fl. Bras., vol. cit., pág. 161 — S. Paulo, Minas Gerais.

II — Fôlhas quase glabras ou, na página superior, hispíduladas e na inferior levemente pubescentes:

a — Capítulos, no ápice dos ramos, apertadamente unidos em espiga compacta com 7-13 cm de comprimento:

121 — *Dicliptera squarrosa* Nees

Ibidem — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará.

b — Capítulos axilares ou terminais, no ápice dos ramos terminais, pouco aproximados, de modo a formar espiga frouxa de 5-6 cm de comprimento:

§ — Capítulos terminais poucos:

122 — *Dicliptera imminuta* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pág. 348, tab. 7 fig. 1-4 — Santa Catarina.

§§ — Capítulos numerosos axilares e terminais:

123 — *Dicliptera pohliana* Nees

Idem, pág. 162, tab. 30 — Minas Gerais,
Santa Catarina.

27 — CYRTANTHERA NEES

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 99.

Antes, fundido por Lindau com *Jacobinia*, que já disse apresentar flôres isoladas, com cálice entre os maiores e anteras calçaradas; ao contrário, *Cyrtanthera* tem flôres densamente agrupadas, cálice menor e anteras desarmadas, além das grandes brácteas que faltam naquele. Esse grupamento de caracteres é até pouco comum numa família tão natural como a de que estou tratando. Tudo indica ser mais próximo de *Orthotactus*, de que difere pelas inflorescências em tirso terminal e tecas paralelas com conectivo semilunar.

Em outro trabalho (45) restaurei a magnífica espécie de Wawra: *C. citrina*, da qual dá êle excelente tricromia; talvez a houvessem esquecido por não mais ter aparecido, mas recentemente foi achada duas vêzes.

A — Ráquis da inflorescência densamente rufo-tomentoso. Corola amarela:

124 — *Cyrtanthera citrina* Wawra

Itin. Pric. S. Coburg., I, 1883, pág. 85, tab. 12 —
Minas Gerais, Est. do Rio (Itatiaia).

B — Ráquis da inflorescência sem o indumento apontado acima. Corola vermelha ou rósea:

X — Anteras com o lóculo inferior calçarado:

125 — *Cyrtanthera calcarata* Rizz.

Dusenja, III (3), 1952. — Rio de Janeiro, CFR. OBS.

XX — Anteras inermes:

§ — Fôlhas curtamente pecioladas e lanceoladas:

I — Fôlha inteiramente glabra:

126 — *Cyrtanthera chamissoniana* Nees

Ibidem, pág. 101 — Santa Catarina.

II — Fôlha, na página superior, esparsamente pilosa:

127 — *Cyrtanthera selloviana* Nees

Idem — Rio Grande do Sul, Estado do
Rio, S. Paulo.

§§ — Fôlhas longamente pecioladas, ovado-oblongas ou ovais:

I — Brácteas e bractéolas longamente ciliadas e acuminadas. Corola vermelha:

128 — *Cyrtanthera carnea* (Lindl.) Brem.

Lindley, Bot. Regist., XVII, tab. 1.397.
Bremekamp, Verh. Ned. Akad. v. Wet.,
Afd. Natuurk., Sect. 2, XLV (2), 19-8,
pág. 52 — Rio de Janeiro. Na "Flora"
sob: *Cyr. magnifica* Nees.

* — Brácteas espatuladas, fôlhas menores:

Var. *minor* Nees

Ibidem — Rio de Janeiro, S. Paulo.

II — Brácteas e bractéolas agudas e com as margens
escabras. Corola rósea:

129 — *Cyrtanthera Pohliana* Nees

Idem, pág. 101 — Rio de Janeiro, Pa-
raná. Comum, inclusive nos jardins.

OBS. — Trata-se de forma de transição, diferindo das espécies genuí-
nas, apenasmente, pelas anteras calcaradas. Só me resta deixá-la no gênero
Cyrtanthera, ainda que êsse caráter nunca devesse ser pôsto de lado.

28 — NELSONIA R. BR.

Uma só espécie pouco comum, muito característica. Na "Flora" há um
confuso sinônimo.

130 — *Nelsonia brunelloides* (Lam.) O. Ktze.

Rev. Gen. Plant., obra que desconheço (cfr. Pflanzenf.,
IV, 3 b, pág. 289, fig. 114) — Goiás, Minas Gerais.

29 — CHAETOTHYLAX NEES

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 153.

A — Teca inferior da antera transformada em esporão. Espigas sem vilo-
sidade:

131 — *Chaetothylax tocantinus* Nees

Ibidem — Minas Gerais, Goiás.

B — Teca inferior da antera normal, calcarada. Espigas vilosas:

132 — *Chaetothylax vestitus* Rizz.

Ibidem — Paraná.

30 — PUPILLA RIZZ.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 56.

As três espécies abaixo relacionadas fazem parte, na "Flora", do grupo
Campylostegium, do gênero *Leptostachya* Nees, que, em sua nova delimitação
(cfr. 6 e 41), não mais ocorre no Brasil.

A — Fôlhas dimorfas (as maiores oblongas e as menores, opostas àquelas, orbiculares):

133 — *Pupilla heterophylla* (Nees) Rizz.

Nees, loc. cit., pág. 150.

Rizzini, ibidem, pág. 57, tab. 2 — Est. do Rio, Espírito Santo.

B — Fôlhas uniformes, ainda que podendo ser um tanto desiguais:

I — Fôlhas com dimensões desiguais (umas duas vezes menores do que outras, por exemplo). Espigas sésseis:

134 — *Pupilla lucida* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, pág. 149

Rizzini, ibidem — Est. do Rio.

II — Fôlhas mais ou menos iguais (sem a discrepância assinalada acima). Espigas pedunculadas:

135 — *Pupilla poeppigiana* (Nees) Rizz.

Nees, idem, pág. 150.

Rizzini, idem, pág. 58 — Amazonas.

31 — PSACADOCALYMMMA BREM.

Verh. Ned. Akad. v. Wet., Afd. Natuurk., Sect. 2, XLV,
2, 1948, pág. 54.

Engloba as espécies do grupo *Pectoraria*, do gênero *leptostachya* Nees, que já disse ser agora ausente em nossa terra, e mais uma, do antigo *Rhytiglossa* Nees.

A — Corola com cêrca de 3-4 mm de comprimento:

I — Peciolo com 2-3 cm de comprimento (corola na base gibosa):

136 — *Psacadocalymma antirrhinum* (Nees) Brem.

Nees, Fl. Bras. cit., pág. 150-151.

Bremekamp, ibidem — Bahia.

II — Peciolo mais curto (corola sem giba):

137 — *Psacadocalymma comatum* (Lin.) Brem.

Cfr. Bremekamp, loc. cit. — Bahia, Mato Grosso,
Rio Grande do Sul.

B — Corola perto de 8-10 mm, quanto ao comprimento:

I — Fôlhas até 8 cm quanto à largura e além de 15 cm de comprimento:

138 — *Psacadocalymma latifolium* Rizz.

Dusenja, III (3), 1952. — Espírito Santo.

II — Fôlhas muito mais estreitas e curtas:

§ — Fôlhas prolongadas em cúspide falcada, muito longa:

139 — *Psacadocalymma falcatum* Rizz.

Ibidem — Espírito Santo.



* — Fôlhas quase duas vêzes mais estreitas. Espigas do mesmo modo mais curtas:

Var. *stenophyllum* Rizz.

Idem — Ibidem.

§§ — Fôlhas não falcadas:

140 — *Psacadocalymma pectorale* (Jacq.) Brem.

Cfr. Bremekamp, op. cit. — Minas Gerais.

32 — THALESTRIS RIZZ.

Dusenien, vol. cit.

141 — *Thalestris graminiformis* Rizz.

Ibidem — Minas Gerais e Paraná.

33 — SERICOGRAPHIS NEES

Fl. Bras., vol. cit., pág. 107.

Trata-se de gênero perfeitamente natural e reconhecível, rapidamente, devido à presença de três máculas brilhantes de pêlos seríceos, internamente, na base do tubo da corola.

A — Espigas com poucas flôres e menores do que as fôlhas:

I — Máculas perto da base do tubo da corola, uma grande central e duas menores laterais (fôlhas desiguais):

142 — *Sericographis pauciflora* Nees

Ibidem, pág. 110 — Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina.

II — As máculas, tôdas três, do mesmo tamanho:

a — Caule subscandente, às vêzes erecto, purpúreo, com os nós comprimidos:

143 — *Sericographis scandens* Nees

Idem, pág. 109 — Rio de Janeiro.

b — Caule perfeitamente erecto, não purpúreo, com os nós arredondados:

§ — Fôlhas estreitamente lanceoladas, longamente acuminadas:

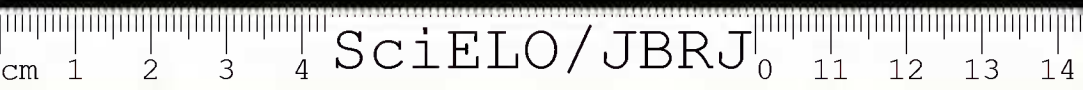
144 — *Sericographis claussentiana* Nees

Idem, pág. 111 — Est. do Rio de Janeiro

§§ — Fôlhas ovais ou ovado-oblongas, no ápice apenas agudas:

Z — Espigas largamente bracteadas, as brácteas mais ou menos espatuladas (lembra uma *Cyrtanthera*, não fôra as máculas seríceas):

- 145 — *Sericographis cyrtantheriformis* Rizz.
Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág.
61, tab. 3 — Est. do Rio (Itatiaia).
- * — Fôlhas, na página superior, pouco pilosas, ciliadas:
Var. *vestita* Rizz.
Dusenía, vol. cit. — S. Paulo (Bocaina).
- * — Em tôdas as suas partes mais robustas do que o tipo (p. ex., espigas até 10 cm e fôlhas até 19 cm X 7 cm.):
Var. *robustior* Rizz.
Ibidem — No mesmo local.
- ZZ — Espigas com pequenas brácteas lanceoladas:
I — Caule glabro:
146 — *Sericographis parabolica* Nees
Loc. cit., pág. 111 — S. Paulo.
- II — Caule piloso:
V — Lóculo inferior das anteras calcarado (grãos de pólen, embora típicos, com nódulos múltiplos):
147 — *Sericographis macedoana* Rizz.
Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pág. 357, tab. 7 fig. 1-6 — Minas Gerais.
- * — Caule curtamente piloso; fôlhas maiores (até 8 cm X 3 cm), quase glabras; pecíolo, em geral, com 1 cm de comprimento:
Var. *elegans* Rizz.
Dusenía, III (3), 1952. — Minas.
- VV — Loja inferior das anteras desar armada. Grãos de pólen com nódulos simples:
X — Fôlhas cordiformes (corola com 4 cm de comprimento):
148 — *Sericographis cordifolia* Rizz.
Ibidem — Paraná.
- XX — Fôlhas com a base íntegra (corola com cêrca de 2,5 cm de comprimento):



O — Fôlhas ovais ou, a partir da base, arredondadas, atenuadas em direção ao ápice, glabras ou mais ou menos pilosas:

149 — *Sericographis monticola* Nees

Loc. cit., pág. 112 — Minas Gerais, Est. Rio.

OO — Fôlhas ovado-oblongas ou com a base mais estreita, estreitadas em direção do ápice, hirsutas:

150 — *Sericographis hirsuta* Nees
Idem — Minas Gerais.

B — Espigas com muitas flôres e maiores do que as fôlhas (raramente do mesmo tamanho):

I — Fôlhas sésseis:

151 — *Sericographis rigida* Nees

Ibidem, pág. 108, tab. 16 — S. Paulo, Minas Gerais. Extremamente xerófila, vive principalmente nos cerrados.

* — Caule e fôlhas em tôdas as partes hirsutos:

Var. *desertorum* Nees

Idem — Minas Gerais.

II — Fôlhas nitidamente pecioladas:

a — Ramos, especialmente os últimos, e a ráquis da inflorescência percorridos por linha pilosa:

1952 — *Sericographis glaziovii* (Hiern) Rizz.

Hiern, Kjoeb. Vidensk. meddel., 28, 1877-8, pág. 85. Rizz., n. comb. — Est. do Rio, Minas Gearis.

b — Tôda a planta pilosa:

153 — *Sericographis selloviana* Nees.

Sin.: *S. maxima* Rizz., Arq. J. Bot. R. Jan., 8, 1948, pág. 358.

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pg. 358 — Est. do Rio.

c — Plantas inteiramente glabras ou densamente riscadas por cistólitos retos:

§ — Fôlhas oblongas. Espigas ramificadas:

154 — *Sericographis polita* Nees

Op. cit., pág. 109 — Est. do Rio.

* — Inflorescência ampla, superando de longe as fôlhas. Corola além de 3 cm de comprimento depois da ântese:

Var. *pulchra* Nees

Idem — No mesmo local.

* — Inflorescência pequena, do mesmo tamanho que as fôlhas, ou pouco maior. Corola aquém de 3 cm:

Var. *umbrosa* Nees.

Idem — Mesmo local.

§§ — Fôlhas oval-lanceoladas. Espigas simples:

155 — *Sericographis lineolata* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 60, tab. 3 fig. 1 — Espírito Santo.

Apêndice

As duas espécies seguintes, segundo Nees, apresentam máculas seríceas inconspícuas:

I — Fôlhas ovais atenuadas no ápice, que é um tanto obtuso:

156 — *Sericographis cordata* Nees

Loc. cit., pág. 108 — Amazonas.

II — Fôlhas ovado-oblongas, longamente acuminadas no ápice:

157 — *Sericographis acuminata* Nees

Ibidem, pág. 109 — Amazonas.

34 — POIKILACANTHUS LINDAU

Pflanzenf., vol. cit., pág. 342.

A — Fôlhas em tórno de 2 cm X 7 mm. Grãos de pólen com 75-85 micra de comprimento:

158 — *Poikilacanthus humilis* Lindau

Bull. Herb. Boiss., III, 1895, pág. 480 — S. Paulo.

B — Fôlhas muito maiores. Grãos de pólen bem menores:

159 — *Poikilacanthus flexuosus* (Nees) Lindau

Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 148.

Lindau, Pflanzenf., pág. 342 — Paraná, onde não é muito rara. Rio Grande do Sul. S. Paulo, Minas Gerais. Flôres esbranquiçadas.



35 — MORSACANTHUS RIZZ.

Rev. Brasil. Biol., XII (4), 1952.

160 — *Morsacanthus nemoralis* Rizz.

Ibidem. — Paraná.

36 — DUVERNOIA E. MEY.

Gênero até pouco tempo considerado gerontógeo, exclusivamente. Temos, contudo, duas bem enquadradas espécies.

A — Cálice com cerca de 3 mm de comprimento. Lóculo inferior das anteras calcarado:

161 — *Duvernoia americana* Lindau

Bull. Herb. Boiss., IV, 1904, pág. 405 — Amazonas.

B — Cálice duas vezes mais longo. Anteras completamente inermes:

162 — *Duvernoia paranaensis* Rizz.

Dusenya, III (3), 1952. — Paraná.

37 — CHAETÓCHLAMYS LINDAU

Pflanzenf. Nachtr.

A — Brácteas com 16 mm X 2 mm. Corola com cerca de 3,5 cm de comprimento:

163 — *Chaetochlamys ciliata* Lindau

Ibidem, V, 1897, pág. 677 — Pará.

B — Brácteas com 7-8 mm X 2-3 mm, rígidas. Corola com 7 mm de comprimento:

164 — *Chaetochlamys callichlamys* Rizz.

Op. cit., — Minas Gerais.

Gêneros monotípicos dúbios são os dois seguintes (devido à falta de conhecimento do pólen):

38 — STACHYACANTHUS NEES

Fl. Bras., vol. cit., pág. 65.

165 — *Stachyacanthus riedelianus* Nees

Ibidem, pág. 66.

39 — SEBASTIANO-SCHAUERIA NEES

Idem, pág. 158.

166 — *Sebastiano-Schaueria oblongata* Nees

Idem, pág. 159.

40 — SAGLORITHYS RIZZ.

Arq. do J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 54.

As espécies de *Rhytiglossa* Nees, descritas na "Flora Brasiliensis", só podem passar para este gênero mediante o exame do cálice, que deverá ser quadripartido regular. Assim, só consideramos as seguintes, nas quais tal exigência já foi cumprida.

A — Fôlhas lineares (com cêrca de 1-3 mm de largura):

I — Caule hirsuto:

167 — *Saglorithys linearis* (Nees) Rizz.

Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 125.

Rizzini, ibidem, pág. 64, tab. 1 — Mato Grosso, Minas Gerais.

II — Caule glabro:

168 — *Saglorithys lavandulifolia* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, pág. 124 (como *Rhytiglossa lavandulaefolia*).

Rizzini, nov. comb. — Goiás.

B — Fôlhas não lineares (mais largas):

I — Planta glabérrima:

169 — *Saglorithys laeta* (Nees) Rizz.

Nees, idem, pág. 126.

Rizzini, idem — Rio de Janeiro.

II — Plantas, em alguns de seus órgãos ou em todos, providas de pêlos:

§ — Fôlhas glabras:

170 — *Saglorithys dasyclados* (Nees) Rizz.

Nees, loc. cit., pág. 126.

Rizzini, op. cit., pág. 64 — Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro.

§§ — Fôlhas mais ou menos pilosas (às vêzes só na nervura central):

X — Fôlhas agudíssimas, não raro falcadas:

171 — *Saglorithys othonis* Rizz.

Dusenía, III (3), 1952 — Minas.

XX — Fôlhas agudas, não falcadas:

a — Caule difuso lenhoso com os nós bem engrossados. Fôlhas lanceoladas até 2 cm de largura:

172 — *Saglorithys distorta* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, pág. 125.

Rizzini, ibidem — Est. do Rio.

b — Caule decumbente herbáceo com os nós pouco ampliados. Fôlhas ovais, com mais de 2 cm de largura:

173 — *Saglorithys menthoides* (Nees) Rizz.

Nees, idem, pág. 122.

Rizzini, Dusenía, II (3), 1950, pág.

185. — Mato Grosso, Paraná.

Tôdas as espécies do antigo *Rhytiglossa*, possuidoras de cálce quadripartido, regular, deverão passar a êste que acabamos de tratar; provavelmente, também, as que têm êsse órgão com quatro segmentos iguais e mais um menor, isto é, com cinco sépalos desiguais.

LITERATURA

- 1 — BAILLON, H. — Histoire des Plantes, X, 1891, Paris.
- 2 — BENTHAM, G. e HOOKER, J. D. — Genera Plantarum, II, 1873, Londres.
- 3 — BREMEKAMP, C. E. B. — Notes on the Acanthaceae of Surinam — Medded. Bot. Mus., XXXV (47), 1938, Utrecht.
- 4 — O mesmo — L'identité du *Jacobinia suberecta* André et la delimitation des Diclipterinae Lindau — Boissiera, VII (3), 1943, Genebra.
- 5 — O mesmo — Acanthaceae in Pulle, A. — Flora of Surinam (reprint), IV (2), Amsterdam, 1938.
- 6 — O mesmo — Notes on the Acanthaceae of Java — Verhand. Ned. Akad. v. Wet., Afd. Natuurk., Sect. 2, XLV (2), Amsterdam, 1948.
- 7 — CASTELLANOS, A. e PEREZ-MOREAU, R. A. — Contribución a la bibliografía Botánica argentina — Lilloa, VII, Tucumán, 1941.
- 8 — Os mesmos — a mesma no tomo VI.
- 9 — DALLA TORRE, C. G. e HARMS, H. — Genera Siphonogamarum, Leipzig, 1900-1907.
- 10 — DUSÉN, P. — Sur la flore de la Serra do Itatiaya au Brésil — Arq. Mus. Nac., XIII, Rio de Janeiro.
- 11 — ENDLICHER, S. — Genera Plantarum, Viena, 1836-1840.
- 12 — ENGLER, A. e PRANTL, K. — Die natürlichen Pflanzenf., Nachtr. I, II, III, IV, Leipzig, 1897 e adiante.
- 13 — ENGLER, A. e DIELS, L. — Syllabus der Pflanzenf., Berlim, 1936.
- 14 — ERDTMANN, G. — An Introduction to Pollen Analysis, U.S.A., 1943.
- 15 — HOBEIN, M. — Ueber den systematischen Werth der Cystolithen bei den Acanthaceen — Engl. Bot. Jahrb., V, Leipzig, 1884.
- 16 — HUMBOLDT, A., BONPLAND, A. e KUNTH, C. S. — Nova Genera et Species Plantarum, II, Paris, 1817.
- 17 — LEMÉE, A. — Dictionnaire descriptive et synonymique des genres des Plantes Phanerogamiques, Brest, 1930.
- 18 — LILLO, M. — Catálogo de las Acantáceas Argentinas — Lilloa, I, Tucumán, 1937.
- 19 — LINDAU, G. — Uebersicht ueber die bisher bekannten Arten der Gattung *Thunbergia* L. f. — Engl. Bot. Jahrb., XVIII, Leipzig, 1893.
- 20 — O mesmo — Beitrag zur Systematik der Acanthaceen — ibidem, XVIII, 1894.
- 21 — O mesmo — Acanthaceae in Engler, A. e Prantl, K. — Die natuerlichen Pflanzenf., IV, 3 b, Leipzig, 1895.

- 22 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae* — Bull. Herb. Boiss., III (8), Sulça, 1895.
- 23 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae et Asiaticae* — ibidem, V (1), 1897.
- 24 — O mesmo — *Acanthaceae* in Urban, I. — *Plantae novae Americanae imprimis Glaziovianae*. II — Eng. Bot. Jahrb., XXV, Beibl. 60, Leipzig. 1898.
- 25 — O mesmo — *Acanthaceae* in Pilger, R. — *Beitrag zur Flora von Matto Grosso* — ibidem, XXX, 1902.
- 26 — O mesmo — *Acanthaceae novae* — Bull. Herb. Boiss., 2 sér., IV, 1904.
- 27 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae*. III — ibidem, 2 sér., IV (1), 1904.
- 28 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae*. IV — ibidem.
- 29 — *ACANTHACEAE* in PILGER, R. — *Plantae Uleanae novae vel minus cognitae* — Notizbl. Bot. Gart. Berl., LVI (6), Berlin, 1914.
- 30 — MARTIUS C. F. P. — *Nova Genera et Species Plantarum Brasiliensium*, III, Munique, 1829.
- 31 — METCALFE, C. R. e CHALK, L. — *Anatomy of the Dicotyledons*, II, Londres, 1950.
- 32 — MILDBRAED, J. — *Plantae Tessmanianae novae*. III — Notizbl. Bot. Gart. Berl., IX (89), Berlin, 1926.
- 33 — O mesmo — *Acanthaceae novae* — ibidem, XI (101), Berlin, 1930.
- 34 — MORICAND, S. — *Plantes nouvelles D'Amérique*, França, 1833.
- 35 — NEES, C. G. — *Acanthaceae* in Martius, C. F. P. — *Flora Brasiliensis*, IX, 1847.
- 36 — O mesmo — *Acanthaceae* in De Candolle, A. — *Prodromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis*, XI, Paris, 1847.
- 37 — POHL, J. E. — *Plant Brasiliae*, II, Viena, 1831.
- 38 — RIZZINI, C. T. — *Aliquit novi Acanthacearum* — Rev. Brasil. Biol., VI (4), Rio de Janeiro, 1946.
- 39 — O mesmo — *Disquisitiones in Acanthaceis* — Bol. Mus. Nac., Nov. Ser., Bot., n. 8, Rio de Janeiro, 1947.
- 40 — O mesmo — *Disquisitio circa Acanthacearum aliquot genera Brasiliensia* — Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948.
- 41 — O mesmo — *Contribuição ao conhecimento da tribo Justiceiae (Acanthaceae)* — ibidem, IX, 1949.
- 42 — O mesmo — *Acanthaceae Minarum Generallium imprimis Mello-Barretianae* — ibidem.
- 43 — O mesmo — *De plantis Brasiliensibus nonnullis* — Dusenía, I (5), Curitiba, 1950.
- 44 — O mesmo — *Métodos para exame do grão de pólen* — Brasil-Médico, ano LX (40-41), Rio de Janeiro, 1946.
- 45 — O mesmo — *Sinopse parcial das Acanthaceae Brasileiras* — Dusenía, II (3), Curitiba, 1950.

- 46 — O mesmo — *Delectus Acanthacearum Brasiliensium* — *ibidem*, III (3), 1952.
- 47 — O mesmo — *Genus novum Acanthacearum Brasiliae* — *Rev. Brasil. Biol.*, XII (4), 1952.
- 48 — SOLEREDER, H. — *Systematic Anatomy of the Dicotyledons*, I, trad. ingl., 1908.
- 49 — STEYERMARK, J. A. — *Studies of the American Flora I* — *Publ. Field Mus. Nat. Hist., Bot. Ser.*, XVII (5), Chicago, 1939.
- 50 — TURRILL, W. B. — *A revision of the genus Mendoncia* — *Bull. Misc. Inform.*, n. 9, Kew, 1919.
- 51 — VANDELLI, D. — *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Species*, Portugal, 1788.
- 52 — VELLOZO, F. — *Flora Fluminensis*, V-VI, Paris, 1827.
- 53 — WAWRA, E. R. — *Itin. Princ. S. Coburgi*, I, Viena, 1883.
- 54 — WETTSTEIN, R. — *Tratado de Botânica Sistemática*, trad. 4.^a, ed. alem., Argentina, 1944.
- 55 — WODEHOUSE, R. P. — *Pollen Grains*, 1.^a ed., N. York, 1935.

